

## A DESMISTIFICAÇÃO DA RELAÇÃO MÃE-BEBÊ: UM ESTUDO DA AGRESSIVIDADE SOB O ENFOQUE PSICANALÍTICO

*Letícia Cabral Gonçalves Lopes<sup>1</sup>, Brenda Marjory Lopes Correa<sup>2</sup>, Amanda Tardivo Rainha<sup>3</sup>, Bruna Rafaela Milhorini Greiner<sup>4</sup>*

<sup>1</sup> Acadêmica do curso Psicologia, Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. Programa Voluntário de Iniciação Científica (PVIC/UniCesumar). leticia.cabral.lop@gmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Psicologia Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. Programa Voluntário de Iniciação Científica (PVIC/UniCesumar). brendamlopescorrea@gmail.com

<sup>3</sup> Co-orientadora, Mestre Mestre em Epistemologia e Práxis em Psicologia, Campus Maringá/PR, Universidade Estadual de Maringá – UEM. amandatrainha@gmail.com

<sup>4</sup> Orientadora, Mestre em Psicologia. Clínica de Psicologia Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. brunamilhorini@hotmail.com

### RESUMO

Este artigo buscou alcançar compreensões mais amplas acerca do processo de vinculação da díade mãe-bebê, os encontros e desencontros que contam ou não com condutas agressivas, quais são os impactos no psiquismo das figuras aqui postas enquanto ponto de partida do estudo, quais são as possibilidades vinculativas e a desmistificação do mito da “maternidade glorificada”. O estudo, categorizado como uma revisão narrativa de literatura, utilizou de insumos científicos (artigos, teses, livros e publicações no geral) com base psicanalítica, clássica e contemporânea, que contribuem com a temática em questão. Desta forma, O estudo justifica-se pela contribuição ao trazer novas informações sobre o tema, apoiando profissionais de saúde no que concerne às compreensões e intervenções vinculares na díade mãe-bebê, incluindo contextos psicológicos clínicos e analíticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Maternidade Idealizada; Psicanálise; Relação Materna.

### 1. INTRODUÇÃO

Para iniciar as análises aqui presentes, é preciso levar em consideração as diversas mudanças do conceito de maternidade, perpassado por realidades culturais, políticas e econômicas. Neste trabalho, desconsidera-se os momentos históricos de tal conceito que precedem a Revolução Industrial, e considera-se o momento econômico e político, a partir do século XVIII, no qual a figura do sujeito compreendido enquanto mulher passa a ser vista de forma idealizada e santificada, sendo a principal demandada pela maternagem e o cuidado com os filhos (BRAGA; MIRANDA; CORREIO, 2018).

Após o período da Revolução Industrial, as mulheres passam a ocupar espaços no mercado de trabalho e os discursos e teorias feministas passam a ganhar força. Porém, as mulheres ainda eram vistas enquanto seres desprovidos de propriedades intelectuais, submissas e subjulgadas (BRASIL; COSTA, 2018) – não muito diferente da contemporaneidade. Mesmo com a maior ocupação no mercado de trabalho, para diversas mulheres, a ideia de satisfação circundava ter filhos e se ocupar enquanto mãe, esposa e dona de casa. O mercado de trabalho ainda era visto enquanto um local exclusivamente ‘ másculo’. O cenário muda na atualidade, e cada vez mais mulheres buscam suas satisfações em outros âmbitos que não a maternidade, sendo esta ainda parte da construção social da mulher no imaginário social (RESENDE, 2017).

Após as mudanças de compreensão social, consciente e inconsciente, sobre a visão daquelas que são compreendidas como mulheres e suas funções como mães, importantes estudos passaram a tentar descrever as transformações que a experiência de se tornar mãe desencadeia no psiquismo dos sujeitos.

Para fundamentar o presente trabalho, é necessário vislumbrar a figura feminina como principal detentora de representações e discursos violentos que cobram o papel da maternidade de forma a pressupor a ideia (no caso, o mito) do instinto maternal (RESENDE,

2017). Dessa forma, instaura sobre os diversos corpos compreendidos como femininos a idealização de que, ao se tornar mãe, automaticamente, destitui-se de qualquer pulsão demasiadamente humana, se tornando um ser-santo, não imbuído de agressividades, sendo exigida a ascender ao inalcançável.

Nesse cenário, Pinheiro (2017), a exemplo, comenta sobre o processo de gravidez enquanto um fator que impacta o sujeito-mãe a lidar com seus impulsos, fazendo com que esta busque recursos e ferramentas, como os mecanismos de defesa inconscientes, para lidar com os conflitos e embates que surgem no seu mundo interno. A energia psíquica volta-se ao bebê, trazendo também um desgaste raramente comentado quando abordado o tema da maternidade. Assim, a agressividade pode aparecer enquanto um recurso possível para vivenciar e suportar as angústias do novo contexto.

De acordo com Arteiro (2017), essas mudanças na realidade psíquica dos sujeitos que se tornam mães também afetam, conseqüentemente, sua vinculação com o bebê. Nesse momento, é necessário que exista um ideal da criança, para que, inicialmente, esta seja amada. A criação dessa idealização, que possibilita a vinculação inicial, também impacta para que haja um lugar no desejo materno. O investimento narcísico na criança constrói a ideia de que esta oferecerá ao sujeito-mãe aquilo que é compreendido como falta (FANTI; SABOIA, 2018), que, por sua vez, é resultado de um sistema político-econômico que retroalimenta socialmente a busca pelo preenchimento. Em convergência com o que foi postulado por Freud (1914), na maternidade, enquanto processo, a mãe, enquanto conceito, revive seu narcisismo primário para reproduzi-lo no amor à criança.

Na continuidade da compreensão relacionada à agressividade no processo de maternagem, é possível compreender que a dinâmica mãe-bebê conta com libidos agressivas enquanto parte da vinculação. Assim como comenta Winnicott (1956), a cobrança exacerbada do direcionamento total da energia psíquica do sujeito-mãe para o bebê ou a criança evidencia que o narcisismo materno passa a ser testado, colocado em jogo, e este, por sua vez, enquanto afetado, também gera conseqüências na vinculação mãe-bebê.

Coletivamente, não se espera e naturaliza a possibilidade de que atuações provenientes de libidos agressivas ocorram na maternagem e no processo de maternidade, são rasos os estudos sobre o assunto (RESENDE, 2017). Assim, este trabalho visa corroborar com a compreensão de que as possibilidades vinculativas são amplas, bem como as nuances entre os encontros e os desencontros da dupla são diversas, podendo ou não contar com direcionamentos agressivos.

Portanto, o presente artigo objetivou alcançar compreensões mais amplas acerca do processo de vinculação da díade mãe-bebê, os encontros e desencontros que contam ou não com condutas agressivas, quais são os impactos no psiquismo das figuras aqui postas enquanto ponto de partida do estudo, quais são as possibilidades vinculativas e a desmistificação do mito da “maternidade glorificada”. O estudo justifica-se pela contribuição ao trazer novas informações sobre o tema, apoiando profissionais de saúde no que concerne às compreensões e intervenções vinculares na díade mãe-bebê, incluindo contextos psicológicos clínicos e analíticos.

## **2. MATERIAIS E MÉTODOS**

O estudo é caracterizado por ser uma revisão narrativa da literatura. Segundo Rother (2007), este tipo de revisão é amplo, qualitativo e conveniente para a realização de discussão acerca de um tema específico, sob o ponto de vista da teoria ou do contexto. Ainda, a revisão narrativa da literatura tem “papel fundamental para a educação continuada, pois, permite ao leitor adquirir e atualizar o conhecimento sobre uma temática específica em curto espaço de tempo”.

Como pressuposto para a revisão literária, foi levado em consideração os conceitos angariados através de leituras psicanalíticas de autores tradicionais e contemporâneos, que contenham contribuições acerca do tema específico: relação mãe-bebê. Para tanto, utilizou-se fontes de referências bibliográficas como livros, artigos científicos, dissertações de mestrado e/ou teses de doutorado que tenham relação com o tema a ser estudado. A busca por estes insumos foi realizada de forma física e em canais de base de dados eletrônicos, como SciELO, PePSIC, Lilacs, revistas científicas, periódicos da CAPES e Google Acadêmico.

Como critério de inclusão, incluíram-se materiais que circundam e contribuem com a compreensão da dinâmica relacional mãe-bebê, possibilitando análises sócio-históricas e conceitos psicanalíticos voltados à relação entre ambas as figuras, visando analisar as idealizações presentes na vinculação e compreendendo os encontros, desencontros e possibilidades vinculativas. Como critério de exclusão, foram retirados ou não inseridos no estudo os materiais referentes a outras abordagens e teorias psicológicas que não a psicanálise, bem como os materiais que não contribuíam com análises do tema em questão.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Compreendendo historicamente a Revolução Industrial enquanto um mecanismo eurocêntrico sociopolítico e econômico que elabora e retroalimenta normativas tradicionalistas e coloniais, é nesse momento histórico que a visão do sujeito passa a ser circundada pela necessidade de mão-de-obra produtiva ao Estado. As diversas crises econômicas fazem com que sejam criadas “medidas protetivas” às crianças, tendo em vista que estas seriam necessárias, peças fundamentais no giro do capital. Portanto, a ascensão do capitalismo é a principal motivação para os primeiros olhares direcionados aos infantes e suas necessidades (RESENDE, 2017).

A compreensão da maternidade e da presença vigilante e santificada da figura materna também é perpassada por tais motivações. Assim, no processo de divinização da maternidade, centraliza-se no sujeito-mãe o cuidado do bebê (RESENDE, 2017), e a relação de vinculação da dupla mãe-bebê se torna envolta pelo inalcançável, pela maternidade da mulher Virgem Maria (GONZAGA; MAYORGA, 2019).

Gonzaga e Mayorga (2019) nomeiam esse processo de divinização da maternidade, que se mantém até os dias atuais, como “instituição da maternidade”, também sendo compreendido enquanto uma ferramenta colonial, capitalista, patriarcal, racial e cisnormativa de violência e reclusão de figuras compreendidas enquanto mulheres, uma vez que perpassa não somente aquelas que são mulher e mães, mas também aquelas que sequer possuem o desejo de maternar. Assim, diversos discursos e práticas, incluindo as psicológicas e médicas, são construídas a partir da desumanização da maternagem, impossibilitando as reais vinculações da díade mãe-bebê.

Palma (2020) aborda a importância de considerar as diversas situações de vulneração de direitos enquanto fatores impactantes na relação mãe-bebê, tendo em vista que as mães que se encontram em existências de maternagem com pouco ou nenhum apoio coletivo e social, possuem menor disponibilidade de investimento libidinal na relação e na vinculação com o bebê, podendo apresentar uma quantidade maior de direcionamentos e atuações de cunho agressivo na relação. Dessa forma, neste estudo, considera-se também os recortes interseccionais de raça, classe social e gênero para discutir as possibilidades nas diversas maternidades.

Dessa forma, é possível compreender que o processo de maternagem é singular e acontece dentro das possibilidades vinculativas entre mãe-bebê, a partir daquilo que o sujeito-mãe possui como recurso e possibilidade de oferta, bem como a partir daquilo que

o bebê, também perpassado por uma realidade intersubjetiva, psíquica, histórica, política e social, é possibilitado de ofertar (FANTI; SABOIA, 2018).

Ao tornar-se mãe, partindo do pressuposto elaborado por Freud (1914), o narcisismo materno, da mãe e do bebê, é colocado em jogo. O narcisismo, de acordo com o autor, pode ser compreendido enquanto um complemento libidinal do instinto de autoconservação, que carrega consigo uma boa dose de egoísmo primitivo. O sujeito-mãe, nesse contexto, vivencia a pressão interna, psíquica, e externa, coletiva/social, de direcionar seus investimentos libidinais à criança, em sua totalidade. O amor aos filhos seria, na realidade, o narcisismo da mãe renascido enquanto amor ao bebê.

Dentre as possibilidades de desencontros agressivos na vinculação da dupla, há duas vertentes de importante consideração. A primeira, uma tentativa do sujeito-mãe de investir libidinalmente no bebê e este não retroalimentar, não responder da forma que a mãe havia idealizado, culminando na abertura de uma lacuna de desinvestimento materno. A segunda, onde o bebê investe libidinalmente na mãe e na relação, porém, esta o frustra, estando indisponível, retroalimentando o desinvestimento do bebê, também abrindo uma lacuna afetiva (FANTI; SABOIA, 2018).

Freud (1914), ao comentar sobre o jogo narcisista da relação mãe-bebê, elucida que, uma vez que o narcisismo não é retroalimentado, a dupla vivencia a frustração, que paira no seu campo inconsciente, impactando a vinculação. De qualquer maneira, faz-se urgente, nesse contexto, compreender que as impossibilidades de retorno e investimento, tanto da mãe quanto do bebê, são resultadas da vinculação em si. Porém, esta é perpassada por todos os fatores históricos, políticos, econômicos e sociais já citados anteriormente (FANTI; SABOIA, 2018).

Em tais desencontros entre mãe e bebê, também levando em consideração a desorganização psíquica, primordialmente egóica (FRIZZO; PICCININI, 2005), no processo de maternagem, atuações agressivas podem se tornar comuns, sejam elas iniciadas no ato concreto por qualquer uma das figuras existentes na vinculação, e as condutas agressivas passam a alimentar uma cadeia-ciclo. Como afirma Palma (2020), tudo passa a ser resolvido no ato. A maternidade envolve muito além do que comumente é visto ou feito ser visto. Diversos conflitos psíquicos surgem, resgatando, muitas vezes, ferramentas mais regressivas e primitivas para lidar com o novo contexto vivencial (SOUZA, 2016).

Ademais, a escassez de suporte social e de outros agentes, como a comunidade e o Estado, nesse processo de maternagem, ofertando recursos básicos para que esse sujeito-mãe possua o mínimo para suportar egoicamente as desestruturas vivenciadas, é caracterizada como um fator de risco para o surgimento de diagnósticos psiquiátricos, que impactam ainda mais na disponibilidade emocional da mãe para com a criança, repercutindo no desenvolvimento cognitivo e afetivo desta (FRIZZO; PICCININI, 2005). As crianças que vivenciam a relação assíncrona e lacunar, nesse contexto, enquanto o espelho da desarmonia, psicossomatizam (GUTMAN, 2016).

A desumanização da maternagem, presente nas violências que surgem a partir da idealização do sujeito-mãe e da relação da díade mãe-bebê, também impacta negativamente as reais possibilidades de vinculação humanizada entre as figuras da dupla (GONZAGA; MAYORGA, 2019). Em diversas intervenções médicas e psicológicas, inclusive psicanalíticas mais tradicionais, ainda é possível observar a culpa introjetada em mães que, por algum motivo, não quiseram ou puderam estar permanentemente disponíveis às crianças (RESENDE, 2017), e que produziram a “mãe psi”, responsabilizada (GREINERT *et al.*, 2018). Aqui, em contrapartida do conceito de “mãe suficientemente boa”, questiona-se onde se encontra o pai suficientemente bom, a coletividade suficientemente boa e o Estado suficientemente bom?

As práticas normativas alocadas na concepção tradicionalista de família dão base para diversas condutas teóricas e práticas de profissionais da saúde, que compreendem a

maternidade a partir de um local inacessível para diversas realidades sociais em que se encontram inúmeras díades mãe-bebês. O projeto de maternidade, para determinados recortes populacionais, se torna inacessível (PALMA, 2020). Diversas estratégias normativas de direção das condutas maternas passam a ser compreendidas como verdades inquestionáveis (PIRES, 2017).

Portanto, se faz urgente colocar tais discursos e práticas em análise, de forma contextualizada, compreendendo que a psicanálise tradicionalista, a exemplo, surge em um momento socioeconômico já abordado anteriormente, que instintiva a maternidade (CARVALHO; LIMA, 2019). Assim, é importante legitimar as possibilidades psicanalíticas de análises da maternidade, em paralelo à importância de resistir e subverter possíveis enlaces teóricos e práticos que retroalimentam um sistema excludente e violento em relação às possibilidades no processo de maternagem.

Como consequências das análises realizadas até neste trabalho, levantam-se possibilidades interventivas que envolvam acolhimento e escuta analítica aos sujeitos que se tornam mães, para que as vivências do contexto possam ser processadas egoicamente, uma vez que se trabalha o fortalecimento egóico da mãe e tem-se, enquanto consequência, maiores contenções vinculares com o bebê (SALOMONSSON, 2017). Já o trabalho relacionado especificamente à criança, pode girar em torno do brincar e das histórias infantis, que possibilitam simbolizações no imaginário (BULHÕES, 2010), sendo que o brincar se faz um processo criativo indispensável no desenvolvimento (WINNICOTT, 1971/1975).

A desidealização do processo de maternagem, da figura do sujeito-mãe, do bebê e da díade também se coloca enquanto uma ferramenta exacerbadamente necessária, para que haja a abertura de caminhos para novas potencialidades e configurações mais humanas na vinculação, também abrindo espaço para o surgimento de novas agências e figuras na maternagem, como a coletividade e o Estado (BRASIL; COSTA, 2018). Assim, é imprescindível que o Estado possua um papel efetivo na construção de políticas públicas que assegurem direitos, sejam eles financeiros, alimentícios, de moradia, que perpassam a realidade das diversas maternidades, configurando, desconfigurando e reconfigurando a Saúde Pública e a Assistência Social, viabilizando vinculações possíveis e descentralizadas na díade mãe-bebê.

#### **4. CONCLUSÃO**

Conclui-se que, a partir das contextualizações históricas, sociais e intrapsíquicas que giram em torno e impactam a inter-relação mãe-bebê, é urgente repensar as representações contemporâneas das maternidades, desmistificando as idealizações da maternidade santificada e compreendendo as atuações na díade, que podem contar com condutas agressivas como parte do processo de vinculação.

A pesquisa salientou que a utópica santificação materna que permeia o imaginário social, em muitos casos - se não todos -, pode provocar impactos bastante relevantes na formação da vinculação da díade mãe-bebê. O sujeito-mãe é imbuído de significantes coletivos, conscientes e inconscientes, que retroalimentam expectativa social construída culturalmente ao longo da história, que santifica a maternidade ao nível do inalcançável, fazendo com que a mãe seja desgastada não somente por questões emocionais e intrapsíquicas que podem ser desencadeadas no processo de maternagem.

Sendo assim, confirma-se a necessidade de reparação em um contexto social, econômico e cultural. O sujeito-mãe, ao ter suas angústias e dores ouvidas, através da fala e da escuta analítica ou psicoterápica, poderá elaborar conteúdos que surgiram ou reapareceram com/na relação com o infante. A criança, por sua vez, ao utilizar-se de recursos relacionados ao brincar e à fantasia presente na elaboração e contação de

histórias infantis, terá ferramentas para simbolizar os enlaces vivenciados na vinculação com a mãe, bem como com os demais agentes que podem entrar em cena, uma vez que a descentralização do cuidado e a compreensão de que a maternagem é um processo social se faz cada vez mais presente nas contribuições teóricas e práticas acerca do assunto.

Ademais, para que haja maior eficácia em relação às reconstruções das representações da maternagem através de trabalhos multidisciplinares de acompanhamento da díade, faz-se urgente a integração entre coletividade e Estado para o desenvolvimento e defesa de políticas públicas que assegurem direitos básicos necessários para abrir espaço a um estabelecimento vincular mais saudável possível.

Por fim, ressalta-se a importância das produções científicas e coletivo-práticas que analisem e discutam o caminho percorrido historicamente, economicamente e politicamente até que se findasse a maternidade santificada e os modelos estruturais pré-determinados da visão de sujeitos-mães, visando desmistificar e des-santificar a relação materna da díade mãe-bebê, humanizando a vinculação da dupla, que conta com encontros, desencontros, potencialidades e limites.

## REFERÊNCIAS

ARTEIRO, I. L. **A Mulher e a Maternidade: um exercício de reinvenção**. 2017.

Disponível em:

[http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/973/5/isabela\\_lemos\\_arteiro\\_ribeiro\\_lins.pdf](http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/973/5/isabela_lemos_arteiro_ribeiro_lins.pdf).

Acesso em: 21 abr. 2020.

BRAGA, R. C.; MIRANDA, L. H. A.; CORREIRO, J. P. C. V. Para além da maternidade:

As configurações do desejo na mulher contemporânea. **Pretextos - Revista da**

**Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 3, n. 6, jul./dez. 2018. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15994>. Acesso em: 04 mai.

2020.

BRASIL, M. V.; COSTA, A. B. Psicanálise, feminismo e os caminhos para a maternidade: diálogos possíveis. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 30, n.3, p. 427-446, set./dez. 2018.

Disponível em:

[https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/14393/2/PSICANALISE\\_FEMINISMO\\_E\\_OS\\_CAMINHOS\\_PARA\\_A\\_MATERNIDADE\\_DIALOGOS\\_POSSIVEIS.pdf](https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/14393/2/PSICANALISE_FEMINISMO_E_OS_CAMINHOS_PARA_A_MATERNIDADE_DIALOGOS_POSSIVEIS.pdf). Acesso em:

13 fev. 2021.

BULHÕES, L. B. D. **Experiências maternas frente à continência dos medos infantis**.

Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, 2010.

CARVALHO, P. V. LIMA, V. H. B. **Função Materna: desejo ou imposição social?**

Cadernos de Psicologia, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 410-426, ago./dez. 2019. Disponível

em: <https://seer.cesjf.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/2501>. Acesso em: 13 fev. 2021.

GONZAGA, P. R. B., MAYORGA, C. Violências e instituição maternidade: uma reflexão feminista decolonial. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, 2019. Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932019000600307&script=sci_abstract&lng=es)

[98932019000600307&script=sci\\_abstract&lng=es](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932019000600307&script=sci_abstract&lng=es). Acesso em: 04. nov. 2020.

GUTMAN, L. **Maternidade e o encontro com a própria sombra**. Tradução Luís Carlos Cabral, Mariana Laura Corullón. 9. ed. Rio de Janeiro, RJ: Best Seller, 2016.

GREINERT, B. R. M. *et al.* A relação mãe-bebê no contexto da depressão pós-parto: estudo qualitativo. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 11, n. 1, p. 81-88, jan./abr. 2018. Disponível em <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/5919>. Acesso em: 10 abr. 2021.

FANTI, C. M. B.; SABOIA, C. A relação mãe e filho: vicissitudes de um (des)encontro para o laço simbólico. **Estilosclin.**, São Paulo, v. 23, n. 2, maio/ago. 2018, 279-295. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/estic/article/view/143418>. Acesso em: 04 maio 2020.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. 1. ed. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIV, p. 85-119.

FRIZZO, G. B.; PICCININI, C. A. Interação mãe-bebê em contexto de depressão materna: aspectos teóricos e empíricos. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 47-55, Apr. 2005. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722005000100007&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722005000100007&script=sci_arttext). Acesso em: 13 fev. 2021.

PALMA, B.M.V. Projeto Flórida: desafios da maternidade frente à vulnerabilidade social. In: OKAMOTO, M. Y., MAIA, B.B. (org.). **Leituras Sobre a Sexualidade em filmes: Psicanálise e Vínculos**. São Carlos, SP: 2020. v. 03. Disponível em: [https://pedroejoaoeditores.com/wp-content/uploads/2020/04/ebook\\_vol.3\\_psicanc3a1lise-e-vc3adnculo.pdf#page=190](https://pedroejoaoeditores.com/wp-content/uploads/2020/04/ebook_vol.3_psicanc3a1lise-e-vc3adnculo.pdf#page=190). Acesso em: 02 nov. 2020.

PINHEIRO, L R. **A importância da função materna e paterna no desenvolvimento do mundo psíquico**. Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD). 2017. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/12051>. Acesso em 04 maio 2020.

PIRES, E. M. **Discursos em disputa sobre a maternidade no Brasil**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499450960\\_ARQUIVO\\_DISCURSOSEMDISPUTASOBREAMATERNIDADENOBASILMM\\_FG.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499450960_ARQUIVO_DISCURSOSEMDISPUTASOBREAMATERNIDADENOBASILMM_FG.pdf). Acesso em: 13 fev. 2021.

RESENDE, D. K. Maternidade: uma construção histórica e social. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 2, n. 4, jul./dez. 2017 Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15251>. Acesso em: 04 maio 2020.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307026613004>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

SALOMONSSON, B. A experiência de um bebê em relação à depressão materna - Beate, 16 meses de vida. In: **PSICOTERAPIA psicanalítica com crianças pequenas e pais: prática, teoria e resultados**. São Paulo: Blucher, 2017. cap. 5, p. 125 - 146.

SOUZA, M. J. A. **Amor Materno/Função Materna: algo natural ou a ser conquistado?** Reverie, p. 53 - 63, 2016.

WINNICOTT, D. W. A preocupação materna primária. 1956. *In*: WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 399-405.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Tradução J. O. Abreu, & V. Nobre. 1975. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Trabalho original publicado em 1971).